

## UMA EXPOSIÇÃO E DUAS VISÕES: VISITAS GUIADAS AO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

*Júlia Reis Cordeiro<sup>1</sup>*

### RESUMO

A exposição arqueológica “Entre Conchas: modos de vida nos sambaquis” é uma mostra temporária desenvolvida pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná que segue em exibição na cidade de Paranaguá-PR, desde março de 2019. Ela trata dos sítios arqueológicos tipo “sambaqui”, buscando disseminar informações que incentivem a proteção dos mesmos. A partir dela, foi concebida a presente pesquisa, que tem como objetivo compreender os efeitos da exposição na comunidade parnanguara e atestar se ela cumpre sua finalidade. A investigação foi fundamentada em acompanhamentos às visitas guiadas que aconteceram com turmas do ensino fundamental e superior à exposição em dois momentos de outubro de 2019, assim como na elaboração de questionários virtuais que tinham como alvo os instrutores das visitas. Pudemos atestar a importância das instituições museais enquanto propagadoras de conhecimento que auxiliam tais atividades de preservação.

**Palavras-chave:** Patrimônio arqueológico. Exposição. Visitas guiadas. Museu.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve início em outubro de 2019, a partir da abertura da exposição de arqueologia “Entre Conchas: modos de vida nos sambaquis”<sup>2</sup> em Paranaguá-PR<sup>3</sup>. Elaborada pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), a exposição contava com a curadoria do arqueólogo Sady Carmo Junior<sup>4</sup> e da aluna de Ciências Sociais Julia Reis Cordeiro<sup>5</sup>, expografia pela museóloga Ana Luisa de Mello Nascimento<sup>6</sup> e a colaboração dos demais membros da equipe do MAE-UFPR, assim como dos alunos bolsistas Luan Henrique Siebra Marcolino, de Ciências Sociais, e Mateus Bonn, de Design Gráfico.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, na habilitação de Antropologia e Arqueologia.

<sup>2</sup> Exposição museológica desenvolvida pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná na cidade de Paranaguá-PR, inaugurada em 26 de março de 2019 e com previsão de encerramento no dia 29 de março de 2020.

<sup>3</sup> Cidade mais antiga do Paraná, localizada no litoral do estado. É onde se encontra a sede expositiva do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná.

<sup>4</sup> Arqueólogo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná e doutorando em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia na Universidade Federal de Pelotas. Informações retiradas do Currículo Lattes.

<sup>5</sup> Discente do curso de Ciências Sociais da UFPR. Foi voluntária e posteriormente bolsista no projeto de curadoria do acervo de arqueologia do MAE nos anos de 2018 e 2019.

<sup>6</sup> Museóloga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE UFPR). Graduada em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2006) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (2018). Informações retiradas do Currículo Lattes.

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná é um museu universitário que une os preceitos de ensino, pesquisa e extensão. Seu acervo é composto por materiais das áreas de Arqueologia, Etnologia e Cultura Popular, e é através de exposições permanentes, itinerantes, próprias ou externas e suas atividades de ações educativas que a instituição cumpre sua função, que é exteriorizar o conhecimento acadêmico e científico à sociedade (NASCIMENTO, 2020)<sup>7</sup>.

Munley (1987) atesta que o processo de aprendizado nos museus se dá de maneira diferente em comparação a outros locais de ensino, como a escola.

No museu, onde os objetos e ideias estão interligados para transmitir uma mensagem, aprender significa formar opiniões e formar uma sensibilidade estética e cultural. Os fatores envolvidos nesse tipo de aprendizagem consistem, principalmente, em sentimentos subjetivos, condições da mente, e desenvolvimento de significado pessoal sobre o conteúdo dos programas. (MUNLEY, 1987, p. 116).

É com a concepção de que as ações museais devem ser desenvolvidas visando o interesse do público, um público ativo que vai usar do conteúdo exibido no museu como base para formar opiniões (ALMEIDA, 1995), que as práticas do MAE-UFPR são pensadas: buscando aliar temas pertinentes à comunidade parnanguara<sup>8</sup> (que compõe cerca de metade dos visitantes do museu no período de abril a outubro de 2019)<sup>9</sup> às coleções disponíveis em seu acervo.

Foi em vista de tais ideais que a “Entre Conchas” foi realizada. Iniciada em 26 de março de 2019, seu objetivo foi aproximar o acervo museológico da comunidade; nela, procurava-se agregar detalhes que auxiliariam na educação visando à preservação dos sítios arqueológicos. Os sambaquis, temática principal da exposição, são sítios arqueológicos pré-coloniais produzidos por aglomerados de conchas e moluscos. Geralmente localizados no litoral, eles datam entre 10.000-1.000 anos AP<sup>10</sup> e contêm vestígios alimentares e tecnológicos das populações sambaquieiras que lá viviam (GASPAR, 2000). São muito presentes na área costeira do Brasil e foram explorados comercialmente, principalmente visando a pavimentação de rodovias, até o estabelecimento da Lei N.º 3.924/61, que trata da proteção ao patrimônio arqueológico. Esse fato, aliado ao grande número de elementos no acervo

<sup>7</sup> Entrevista concedida pela museóloga Ana Luisa de Mello Nascimento à autora em março de 2020.

<sup>8</sup> Por “*comunidade parnanguara*” me refiro aos habitantes de Paranaguá-PR.

<sup>9</sup> Dados obtidos com a equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

<sup>10</sup> Marco temporal utilizado pela arqueologia e outras áreas, que usa como referência o ano de 1950 D.C.

arqueológico do MAE-UFPR que são provenientes desse tipo de sítio, fez com que a equipe quisesse demonstrar a relevância de incentivar a sua proteção.

Com isso em mente, passados alguns meses de sua abertura, investigo, aqui, o papel que a exposição cumpre para o público do museu. Esta pesquisa, então, ocorreu por meio da análise desse ponto a partir de dois referenciais: os grupos de estudantes que participaram de visitas guiadas e os alunos bolsistas e demais servidores do museu em Paranaguá, que guiavam essas visitas.

### CIRCUITO EXPOSITIVO

O circuito expositivo na sede histórica do MAE-UFPR ocorre em quatro momentos: primeiramente, os visitantes se reúnem no auditório para uma breve fala sobre a história da construção na qual se encontra aquela sede — o prédio é uma edificação jesuíta de três andares, do século XVII, que já serviu para diversos propósitos, portanto, já é, em si, motivo de interesse do público e faz parte do itinerário. Então, o grupo é levado para a primeira exposição do trajeto, localizada no primeiro andar do museu, chamada “Assim vivem os homens”<sup>11</sup>, que representa diversas manifestações populares brasileiras, destacando os saberes e a religiosidade da cultura tradicional do litoral paranaense. Em seguida, são visitadas as exposições temporárias. No ano de 2019, período no qual foi desenvolvido esse estudo, essas eram as exposições vigentes “*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*”<sup>12</sup>, um projeto colaborativo entre o museu e cinco comunidades indígenas Mbyá Guarani<sup>13</sup> do litoral do Paraná, e a exposição “Entre Conchas: modos de vida nos sambaquis”, que é o foco desta pesquisa.

Para a realização desta pesquisa, acompanhei duas visitas realizadas nos dias 9 e 18 de outubro de 2019. A primeira era composta de uma turma de Ensino Fundamental da cidade de Paranaguá-PR, e, a segunda, de alunos do Ensino Superior de Curitiba-PR. Apesar de esse acompanhamento ter ocorrido ao longo de todo trajeto, optei por relatar com maior enfoque detalhes observados na exposição de arqueologia.

<sup>11</sup> Exposição permanente desenvolvida pelo MAE-UFPR na área de cultura popular, inaugurada ao final de 2016, com curadoria de Bárbara Bueno Furquim, Bruna Marina Portela e Vanessa Dourando.

<sup>12</sup> Exposição desenvolvida pelo MAE-UFPR na área de etnologia indígena, em exibição de julho de 2018 à novembro de 2019. Foi um projeto colaborativo do museu com as comunidades do litoral do Paraná - *Pindoty* (Terra Indígena (TI) Ilha da Cotíngua/Paranaguá-PR), *Kuaray Guata Porã* (TI Cerco Grande-Guaraqueçaba /PR); *Guaviraty* e *Karaguata Poty* (TI Sambaqui/Pontal do Paraná-PR), *Kuaray Haxa* (Morretes-PR). (Informações retiradas do site do MAE-UFPR).

<sup>13</sup> Subgrupo do povo indígena Guarani.

## METODOLOGIA

A pesquisa foi dividida em duas fases: as visitas guiadas, nas quais, por meio da observação, obtive a reação dos grupos aos elementos expositivos em geral, e a comunicação com os monitores que as orientavam, que se deu posteriormente por meio de questionários virtuais, visando conhecer suas impressões acerca da dinâmica das visitas e do público em geral. Almeida (1995), ao realizar uma análise sobre a bibliografia de estudos de público em museus, atesta a utilização da metodologia da observação, como na pesquisa realizada pelo museu *Cité de Sciences et de L'Industrie*. Gottesdiener (1987), que trata dos métodos avaliativos do público em tais instituições e também comenta a serventia dessa ferramenta em tais pesquisas.

A primeira visita guiada observada para a presente pesquisa, que aconteceu no dia 9 de outubro de 2019, foi composta por uma turma do 6º ano do Colégio Estadual Regina de Mello, de Paranaguá-PR, com 40 estudantes de faixa etária entre 12 e 14 anos, acompanhados de três professores e um secretário da escola. Procurou-se analisar a interação dos alunos com o ambiente ao seu redor (tanto elementos expográficos físicos como também as informações abordadas pelos guias), percebendo quais itens e informações chamavam mais a atenção dos estudantes.

A segunda visita era constituída de cerca de 40 discentes do curso de Ciências Sociais da UFPR, de diversas etapas da graduação, que visitavam o museu por meio de uma atividade inserida na semana acadêmica de seu curso. De faixa etária entre 18 e 25 anos, nesse caso em específico os jovens não contaram com o acompanhamento de docentes. Nesta situação, no momento da trajetória referente à exposição “Entre Conchas”, tomei a posição de guia; contudo, mesmo assim, busquei observar a reação dos estudantes aos diversos elementos e as perguntas que poderiam ser suscitadas.

Para os monitores das visitas foi elaborado um questionário virtual de 23 questões com o objetivo de compreender como acontecia a preparação para essas, se havia um padrão na conduta do público, quais elementos influenciam em sua reação (como faixa etária e nível de escolaridade) e os tópicos que suscitaram mais dúvidas. Como não seria possível ter contato físico com as oito pessoas que atuavam como guias na época da pesquisa, optei pelo questionário virtual, devido à facilidade e rapidez em sua aplicação. Os guias eram alunos de Ensino Superior dos cursos de Ciências Sociais do Instituto Federal do Paraná e Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Paraná, ambos os *campus* de Paranaguá-PR, e responderam o questionário no mês de outubro de 2019.

## VISITAS GUIADAS

As visitas guiadas ao MAE-UFPR acontecem, normalmente, com agendamentos prévios. A escolha por acompanhar as visitas nos dias 9 e 18 de outubro se deu por motivos de logística: minha disponibilidade de deslocamento até Paranaguá.

No primeiro dia, a turma de 40 estudantes foi dividida em dois grupos, devido ao espaço. O primeiro grupo foi guiado por uma das alunas voluntárias e, o segundo, por um dos membros da equipe de técnicos. Durante as visitas, atentei-me a reação dos estudantes à presença do pesquisador, visto que estudos mostram que as pesquisas avaliativas em museus tendem a ser marcadas por relações de assimetria durante as observações, com poder concentrado no polo daquele que está observando (KÖPTCKE, 2002). No entanto, percebi que não havia indícios de incômodo e fui percebida pelos estudantes como uma das guias da visita.

Ao voltar a atenção para a interação dos discentes com o ambiente material ao seu redor, foram constatados alguns pontos. O interesse dos alunos na exposição “Assim vivem os homens” era pessoal, pois esta aborda elementos presentes em sua cultura, como festas, histórias e músicas populares. A interação dos estudantes era mais engajada, e eles faziam comentários sobre as experiências que tinham nos eventos retratados. Na exposição *Nhande Mbya Reko*, o interesse se dava pela desmistificação que a exposição buscava trazer sobre aquelas comunidades indígenas. A mostra trazia painéis com a tradução de algumas palavras escritas em guarani, assim como vídeos com cantos, cestarias e fotos de aldeias indígenas *Mbyá Guarani*. A área que mais despertou a curiosidade dos estudantes foi a representação da casa de reza e seus elementos — esculturas de anciãos, instrumentos musicais e arcos e flechas.

No caso da exposição “Entre Conchas”, também foi suscitada pontuações mais particulares: uma das crianças dizia conhecer a palavra sambaqui devido a uma concessionária de veículos da cidade que levava aquele nome, outra contou a história de um parente que supostamente vivia em cima de uma dessas edificações. Percebi que grande quantidade de textos dispostos em painéis foi ignorada, visto que eram muito extensos, e as informações providas pelos guias supostamente cobriam o necessário. Dos elementos expográficos, alguns chamavam mais a atenção, como uma cortina composta por almofadas de peixes impressos em tecido, pendurados em um corredor (os peixes representavam uma grande parte da alimentação dos sambaquieiros e ali estão retratadas as espécies presentes no litoral do Paraná). Além disso, era exibida também uma reportagem de uma rede de televisão

local com o arqueólogo Sady Carmo Jr. sobre sambaquis, que foi gravada como parte da programação da rede, mas aproveitada como elemento expográfico. Havia, ainda, algumas peças que se encontravam fora de vitrines, permitindo o contato direto com o público (como grandes polidores de pedra). A interatividade desses elementos, principalmente o último, que permitia o toque, costuma ser um artifício utilizado por instituições museais quando estas assumem um papel didático (CURY, 2005).

O primeiro grupo desse dia, guiado por uma das alunas do museu, parecia mais à vontade para fazer perguntas e comentários — a postura da dirigente era relaxada e ela interagiu constantemente com os alunos por meio de perguntas. Eles não hesitaram em responder tais indagações, mesmo sem ter certeza das respostas, mostrando-se muito comunicativos e interessados em compartilhar o conhecimento que tinham.

Ao final do trajeto expositivo, os alunos se reuniram em um espaço do museu para conversar sobre o passeio e esclarecer demais dúvidas que haviam surgido. Nesse momento, os professores aproveitaram para fazer perguntas aos alunos sobre dados que foram abordados durante a visita, e utilizei o momento para compreender o que havia marcado mais os estudantes — nomeadamente, a antiguidade das peças e da temática em si, e a possibilidade de interação com os elementos expográficos já citados.

No segundo dia de acompanhamento para esta pesquisa, outros 40 estudantes também foram divididos em dois grupos. Para essa visita, a historiadora Bruna Marina Portela, então diretora do MAE-UFPR e curadora da exposição “Assim vivem os homens”, atuou como guia da mostra de cultura popular, enquanto a antropóloga do museu Gabriela de Carvalho Freire orientou a exposição “*Nhande Mbya Reko*: nosso jeito de ser guarani”. Eu guiei a exposição “Entre Conchas: modos de vida nos sambaquis” e busquei abordar informações mais acadêmicas, visto que o público alvo era composto de estudantes universitários.

Esse grupo não se mostrava tão interativo quando comparado ao que acompanhei na primeira visita. Isso foi atribuído à diferença de faixa etária e ao fato de os alunos do segundo dia não possuírem profundas ligações com os tipos de manifestação cultural ou território ali representados — enquanto os estudantes de Paranaguá estavam tendo contato com elementos de seu cotidiano, a turma de Curitiba possuía interesse puramente acadêmico e profissional. Nesse caso, a exposição *Nhande Mbya Reko* pareceu ser a mais atrativa, visto que a temática indígena é mais abrangida no curso de Ciências Sociais. Durante a exposição “Entre Conchas”, foram abordadas tanto informações sobre o processo de curadoria, como informações sobre os sambaquis, fazendo ligações com dados que haviam sido vistos em sala

de aula. Ao contrário da primeira visita, em que os estudantes (de 12-14 anos) eram mais participativos, os universitários não fizeram indagações durante o trajeto, apesar de aparentarem estar interessados.

Ao analisar as diferenças encontradas entre as duas visitas, suas causas foram atribuídas ao contexto que distinguia os grupos. Enquanto o primeiro era composto de adolescentes que apresentavam uma relação mais personalista com o museu (ele é um lugar de lazer para a comunidade parnanguara; a maioria dos alunos já havia visitado-o com a família, e tinha histórias a respeito dessas para contar uns aos outros), o segundo era composto de jovens adultos que tinham pouca ou nenhuma relação com as temáticas ali abordadas.

## PESQUISA COM OS MONITORES

Na época da pesquisa, havia um membro da equipe do museu e sete alunos de cursos como Ciências Sociais e Ciências Biológicas que atuavam como monitores. Por meio das respostas ao questionário, descobri que o preparo inicial dos guias acontece a partir de três frentes: leituras de materiais que tratavam dos sambaquis; em um segundo momento, por meio de uma palestra de capacitação; e aqueles que entraram ao longo do ano relatam também que acompanhar a visita de seus colegas era uma das fontes de informação. Eles foram instruídos a abordar o conteúdo de diferentes maneiras, segundo seu público alvo, e contaram que a maneira como a comunicação era feita passou por alterações. Muitos revelaram se sentir nervosos no começo, mas disseram que ganharam mais segurança ao longo do tempo.

As visitas duram entre uma hora e uma hora e meia, mas os monitores disseram que buscam se informar sobre o tempo que os grupos têm à disposição (muitas vezes, esse tempo é mais curto — nesse caso, as visitas são adaptadas de acordo com a necessidade da turma). Muitos afirmaram que as visitas guiadas tendem a ser mais proveitosas que as independentes, pois suscitam mais interesse. A maioria deles relatou que aborda informações além daquelas que estão disponíveis ao longo da exposição, também de acordo com a faixa etária e interesse das turmas.

Nas respostas, foi salientada a importância das visitas guiadas para que “o público compreenda as exposições de forma clara e ampla”<sup>14</sup>. Algo comum nos relatos dos monitores foi a visão de que as visitas servem para desmistificar noções de senso comum do público,

---

<sup>14</sup> Trecho retirado de uma resposta de um dos bolsistas do MAE-UFPR, estudante de Ciências Sociais, ao questionário enviado aos monitores das visitas guiadas.

não de maneira a menosprezar os conhecimentos prévios, mas para trazer conscientização à questões indígenas, por exemplo.

Ainda segundo os relatos dos monitores, o público com o qual mais gostam de interagir são crianças, pois “em geral, elas são bem mais curiosas e animadas e fazem perguntas muito boas”<sup>15</sup>. Eles disseram ainda que os assuntos que costumam despertar mais interesse são aqueles relacionados à antiguidade dos povos sambaquieiros e aos sepultamentos; e as peças polidoras costumam atrair a atenção do público independente da idade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como essa foi a primeira pesquisa sistemática que realizei, apareceram problemas que poderiam ter sido previstos se tivesse mais experiência. A princípio, pretendia entrar em contato com os responsáveis por organizar e acompanhar as turmas nas visitas, em geral, docentes. No entanto, essa comunicação não foi bem sucedida. Além disso, escolhi abordar apenas uma face das visitas ao museu, as visitas programadas. Isso porque, nas visitas não organizadas, o processo de aprendizado se dá de maneira divergente (SCREVEN, 1991).

Com os retornos obtidos com o trabalho realizado, no entanto, concluímos (a equipe de curadoria, responsável pela exposição) que nossos objetivos foram cumpridos satisfatoriamente. A interação dos estudantes com o ambiente ao seu redor não foi indiferente e eles demonstraram ter assimilado a importância da proteção do patrimônio arqueológico, que era nosso propósito.

É por meio de investigações sobre a reação popular às atividades do museu que podemos conceber novas ações interessantes ao público. Conhecendo o interlocutor, podemos engendrar intervenções que otimizem o processo de aprendizado e que tornem o museu, além de espaço de lazer, um local de transmissão de conhecimento, memória e valorização da cultura local.

---

<sup>15</sup>Trecho retirado de uma resposta de uma aluna bolsista do MAE-UFPR, estudante de Ciências Sociais, ao questionário enviado aos monitores das visitas guiadas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. Estudos De Público: A Avaliação De Exposição Como Instrumento Para Compreender Um Processo De Comunicação. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 5: 325-334, 1995.
- CURY, M. X.: **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.
- GASPAR, M. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 89 p.
- GOTTESDIENER, H. **Evaluer l'exposition: définitions, méthodes et bibliographie sélective commentée d'études d'évaluation**. La Documentation Française, Paris. 1987
- KOPTCKE, L. S. **Observar a experiência museal, uma prática dialógica: Reflexões sobre a interferência das práticas avaliativas na percepção da experiência museal e na (re) composição do papel do visitante**. Texto foi apresentado e publicado, originalmente, nos anais do Workshop Internacional de Educação promovido pela Vitae, em parceria com o British Council, com apoio do Museu da Vida, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.
- MUNLEY, M. E. Intentions and Accomplishments: Principles of Museum Evaluation Research. J. Blatti (Org.) **Past Meets Present: Essays about Historic Interpretation and Public Audiences**. Smithsonian Ins. Press, Washington: 116-130. 1987.
- SCREVEN, C. G. **Educational Exhibitions for Unguided Visitors**. ICOM/CECA, 12/13: 10-20. 1991.